

Candidatos já buscam a governabilidade

Presidenciáveis falam em negociação com partidos adversários porque sabem que precisarão deles para governar

Sérgio Prado e Katia Guimarães
de Brasília

Calculadoras em punho, os líderes dos partidos começam a projetar suas representações no Parlamento, que renova suas 513 cadeiras na Câmara dos Deputados e 54 das 81 no Senado. Em jogo, a influência nos rumos, na formação e decisões do futuro presidente da República.

Os candidatos sabem que precisarão formar uma base sólida no Legislativo, a fim de conseguir aprovar suas principais propostas de governo.

A lista das propostas é extensa. Entre elas, a reforma tributária, a da previdência, a trabalhista, a agrária, e mesmo a política, além da reordenação do sistema financeiro, os projetos de segurança pública, saneamento e o Orçamento.

Tudo precisará ser negociado com as bancadas, que tomam posse no dia 15 de fevereiro.

A julgar pelo atual equilíbrio de forças das coligações para a eleição presidencial, apenas o candidato tucano José Serra teria como manter uma base mais ampla, como ocorreu com o presidente Fernando Henrique Cardoso em oito anos. O presidente contou com o apoio nominal de cerca de 400 deputados.

Muita negociação

Seu partido, o PSDB, tem agora aliança parlamentar com o PMDB e PPB e pode atrair outra vez PTB e PFL, na hipótese de José Serra vencer e os resultados das urnas comprovarem as projeções dos parlamentares desses partidos. O próprio Serra, hoje disputando o segundo lugar nas sondagens de intenção de voto, declarou que dará aos pefelistas espaço (cargos) em sua administração. Diante de uma coligação maior do que a dos adversários, o presidente do PMDB, Michel Temer (SP), acredita que será mais fácil para Serra construir uma base sólida. "Tudo vai depender das conversações", disse ao referir-se a um grupo de pefelistas como o presidente da legenda, Jorge Bornhausen (SC), que apóia Ciro Gomes. Para ele, a reforma política será fundamental para a redução dos 38 partidos existentes hoje. Os principais beneficiados seriam peemedebistas e tucanos, que po-

dem se reagrupar depois das eleições.

Tudo precisará ser muito conversado, repete quase todos os dias Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder nas pesquisas, quando refere-se aos principais pontos de seu programa. O PT parte do princípio que poderá ampliar o número de congressistas dos 59 deputados para no máximo 85. E no Senado de oito para 14.

Lula presidente deverá enfrentar fortes resistências no Legislativo, reconhece o deputado Walter Pinheiro (PT-BA), ex-líder do partido na Câmara. Para ele, no entanto, o partido tem pelo menos uma dezena de quadros que já negociam com o atual governo e poderão servir de interlocutores com os demais bancadas. "Essa tarefa é vital".

Sem hostilidade

Michel Temer diz que o presidente Fernando Henrique foi hábil ao formar a sua base de sustentação. Segundo ele, o próximo presidente não pode ser hostil ao Congresso. "Isso dificulta a governabilidade".

Walter Pinheiro, um dos principais articuladores do PT, defende uma nova relação entre os poderes. Ele faz críticas a FHC que, na sua visão, valorizou as negociações de aprovação de projetos com base em "barganhas" para liberação de verbas aos parlamentares. "Deve haver diálogo com novo respeito ao Parlamento".

Presidente do Congresso, no período de 1999 a 2000, o ex-senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que prepara seu retorno à Brasília, defende a independência do Poder Legislativo. "Deve ser um trabalho em harmonia mas isso não significa subserviência", destacou. "Não pode enfiar coisas goela abaixo", acrescentou ao propor um trabalho negociado entre os dois poderes. "Não podem deixar de existir os fundamentos morais. Não se pode cometer o pecado da simonia. Qualquer que seja o candidato eleito deve haver colaboração", afirma o ex-senador.

Bancada

O partido aliado da candidatura petista, o PL, pretende elevar sua bancada na Câmara de 22 para 35, na melhor das previsões.

Chegaria a 70, se chegar à Presidência, em função da natural capacidade de atração que o Planalto tem sobre setores do centro, os quais estariam em outros partidos, de acordo com líderes do PT e do presidente dos liberais, o deputado paulista Valdemar Costa Neto. Assim, Lula teria de contar com a boa vontade de setores do PMDB e do PSDB a fim de formar uma base de pelo menos 300 deputados.

Nos últimos dias, Ciro Gomes lançou-se em busca de apoio do PFL para ampliar sua base de sustentação não apenas eleitoral (hoje com PPS, PDT e PTB), mas para o futuro, e também ofereceu espaço para um possível governo seu. "Precisamos de montar uma boa relação com quem estará no Parlamento e nos governos estaduais", disse o candidato.

Renovação pequena

Na visão do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), a Câmara deverá ter uma renovação menor este ano, de no máximo 30%. Esta deverá ser a mais baixa das últimas eleições. O dado é ancorado no fato de que 95% dos 513 deputados concorrerão à reeleição.

Quanto os partidos esperam crescer

Câmara		
	Bancada atual	Projeção
PFL	97	90 a 100
PSDB	95	o mesmo ou mais
PMDB	87	-
PT	58	70 a 85
PPB	53	até 80
PTB	33	-
PL	22	30 a 35
PSB	17	-
PDT	17	35 a 45
PPS	12	15 a 25
Senado		
PMDB	24	-
PFL	17	17 a 22
PSDB	14	o mesmo ou mais
PT	8	14
PDT	5	-
PTB	5	-
PSB	3	-
PPB	2	4 a 5
PPS	2	2 a 5
PL	1	mais 1

ARTE GAZETA